

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 15000 rs.; semestre (25 n.º) 5000 rs.
 FORA D'AVEIRO: anno (50 n.º) 15125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.
 BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental anno... 15500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 15'rs.
 No corpo do jornal: cada linha 20 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

E' nosso correspondente no Pará o sr. José Maria Lettra, morador na Travessa Sete de Setembro, n.º 10, a quem auctorisamos a tratar quaesquer negocios concernentes á empresa d'este jornal.

AVEIRO

A GUERRA SANTA

Não ha que ver. A monarchia encetou uma verdadeira guerra santa contra os republicanos. Por todos os lados nos atiram como a lobos.

Os regeneradores deram agora em explorar as turbas ignorantes com os principios anarchicos. Nós somos anarchistas! Queremos a destruição da propriedade e da familia! Negamos a patria e a humanidade! Queremos o roubo e o assassinio!

Seriam supinamente ignorantes, se não fossem altamente velhacos.

Os progressistas seguem na mesma esteira. A proposito dos morticínios do Funchal, desatam em declamações insidiosas contra nós. Foram os republicanos que tiveram a culpa da tropa haver fusilado o povo inerte por ordem de funcionarios covardes! Foram elles que excitaram a multidão com as suas proclamações desbragadas! Foram elles que irritaram os animos com affirmações socialistas, anarchistas, collectivistas, desordeiras, o diabo!

Os republicanos são os responsáveis por tudo. Entretanto fomos roubados no continente e na Madeira! Aqui com uma desfaçatez sem igual; acolá com uma torpesa, com uma vilania de que não ha memoria na historia eleitoral dos países representativos. Se os realistas exerceram milhares de pressões para triumpharem na Madeira, se nos levaram á força de vencia, se espesinharam a lei junto á urna, como é que temos a responsabilidade dos conflictos da ilha?

A Granja mais uma vez se atasca no lodo, na podridão fedorenta em que vive. Não cessa na campanha d'infamias que abriu antes das eleições contra os republicanos. Primeiro tentou desacreditar-nos; hoje arremessamos á cara com o insulto soez. Porque combateu tão assanhada os fusilamentos de Ourem e defende agora com tanto vigor os fusilamentos da Madeira? Porque em Ourem foram fusilados os amigos da Granja e na Madeira foram os progressistas que tramaram a matança do povo democratico.

Eis os moralistas, aquelles eternos especuladores, saltimbancos

de feira que enlameiam o rei quando o rei os não quer e insultam o povo quando o povo os repelle.

A isto accresce a propaganda feroz dos clericos. E' medonha! Não descançam um segundo na obra de calumnia que encetaram contra os republicanos. Levam o descredito contra nós ao pulpito, ao confissionario, ao salão, á alcova, a toda a parte. Servem-se da mulher e da creança para nos apunhalar.

Está ainda bem fresca na memoria de todos a guerra tenaz que os padres nos moveram por occasião das ultimas eleições. Feriram-nos de flanco e nas costas onde poderam. Pois essa guerra continua cada vez mais energica. O *pedreiro livre*, o *impro*, é o grande inimigo que se aponta á turba multa do beaterio, á massa embruteada, por desgraça ainda tão ignorante que não sabe correr essa corja coroada a pontapés. Todos os dias ouvimos os padres recomendar no pulpito o odio ao pedreiro livre, a perseguição ao liberal, a blasphemia contra o democrata! Nada faz recuar os miseraveis!

E' este o estado da questão. Republicanos, a defender quando não estamos perdidos. Só a nossa coragem, a nossa energia será capaz de esmagar os partidarios das trevas. Regeneradores, progressistas, conservadores, padres, tudo nos move guerra á outrance. Como *bons pedreiros livres* é necessario dar-lhe com o camartello na cabeça. Nada de hesitar. Pensemos na lucta e lutemos.

Z.

Vae-se tratar de construir a lapide que ha de ser collocada na sepultura do infeliz operario Jeronymo Rodrigues Carlos Salgado, mandado sepultar de traz da porta do cemiterio publico de Aveiro pelas auctoridades, por ser livre pensador.

Fedimos, portanto, aquelles dos nossos amigos que ainda não entregaram as quantias com que subscreveram para a lapide, o obsequio de o fazerem n'esta redacção o mais brevemente possivel. Se algum livre pensador quizer ainda concorrer com o seu obulo para tornar mais brilhante o protesto contra o acto villissimo dos funcionarios da monarchia, será recebido com prazer pela redacção do «Povo de Aveiro».

ACTA

Aos dezoito dias do mez de julho de mil oitocentos e oitenta e quatro n'esta cidade de Aveiro, reunidos em casa do sr. Francisco Antonio de Moura, conforme havia sido ajustado entre todos,

os mrs. João Honorato da Fonseca Regalla, Francisco Antonio de Moura, Manuel Luiz Mendes Leite e Joaquim de Mello Freitas, os dois primeiros como representantes do sr. Francisco Manuel Homem Christo e os segundos como representantes do sr. Jaime de Magalhães Lima, para como mais digno julgassem para os seus respectivos constituintes resolverem uma pendencia d'honra entre ambos; depois de haverem lido attentamente e examinado com todo o escrupulo os artigos publicados nos jornaes *Povo de Aveiro*, de seis do corrente mez e *Districto de Aveiro*, de quatorze do mesmo, artigos que haviam dado origem a esta pendencia, disseram os senhores João Honorato da Fonseca Regalla e Francisco Antonio de Moura que lhes era forçoso pedirem um desagravo que illibasse completamente a honra do seu constituinte d'algumas palavras, publicadas no artigo do *Districto de Aveiro*, as quaes podiam julgar-se como insultuosas para este cavalheiro.

Os senhores Manoel Luiz Mendes Leite e Joaquim de Mello Freitas declararam que o senhor Jaime de Magalhães Lima não pretendia offender pessoalmente o senhor Francisco Manoel Homem Christo, estando muito longe de julgar que fosse elle o author do artigo publicado no *Povo de Aveiro*, que as phrazes tidas como insultuosas se dirigiam a um anonimo qualquer e partiam da supposição de querer elle prevalecer-se d'esta qualidade; mas, visto que o senhor Francisco Manoel Homem Christo vinha tomar a responsabilidade d'aquelle artigo as circumstancias eram realmente outras e não hesitavam portanto em affirmar por parte do seu constituinte que, desde o momento em que da parte do senhor Francisco Manoel Homem Christo não tenha egualmente havido intenção de uma offensa directa, reconhecem o mesmo senhor como um perfeito cavalheiro a quem de modo algum podiam pôr em duvida a sua coragem.

E declarando os senhores João Honorato da Fonseca Regalla e Francisco Antonio de Moura por parte do senhor Francisco Manuel Homem Christo que realmente não houvera da parte d'este senhor o menor proposito d'offensa pessoal como se vé do periodo, quasi conclusão do artigo do *Povo de Aveiro*, em que claramente exprimiu a sua sympathia pessoal pelo senhor Jaime de Magalhães Lima, disseram os senhores Manoel Luiz Mendes Leite e Joaquim de Mello Freitas que, n'estes termos, nenhuma duvida tinham em nome do seu consti-

tuinte, em dar como não existentes quaesquer palavras que podessem reputar-se injurias á pessoa do senhor Francisco Manuel Homem Christo; e feitas analogas declarações por parte dos senhores João Honorato da Fonseca Regalla e Francisco Antonio de Moura em nome do seu constituinte acordaram todos em considerar terminada esta pendencia sem desdouro para qualquer das partes, mantendo-se completamente illibada a honra e dignidade de cada um dos seus constituintes, do que mutuamente se felicitavam. Em seguida resolveram que d'este accordo se lavrasse acta em duplicado e se extrahissem tres copias para ser, cadauma d'ellas, publicada nos tres jornaes da localidade. E para constar se lavrou a presente que por todos vae ser assignada.

João Honorato da Fonseca Regalla.

Francisco Antonio de Moura.

Manuel Luiz Mendes Leite.

Joaquim de Mello Freitas.

AO SR. DR. MELLO FREITAS

Isto não é uma polemica, é uma conversa divertida com o sr. dr. Joaquim de Mello Freitas. E' verdade que o sr. dr. não nos tratou muito bem, nem a mim nem aos meus collegas da redacção do *Povo de Aveiro*, e por isso seria admissivel, seria mesmo justa qualquer phrase menos doce da parte do articulista *anonymo* d'este jornal. Mas enfim estamos d'esta vez resolvidos a esquecer a offensa, a saltar por cima de carros e carréas, porque necessitamos de resumir esta resposta e de ensinar ao sr. Joaquim de Mello Freitas, que foi tão imprudente e leviano, a serenidade indispensavel a quem gosta d'ir esgrimir para a imprensa. O sr. dr. provou que é d'uma susceptibilidade de creança, d'uma irritabilidade de menino. Para que havemos então de lhe puchar pelos nervos? Nada, conversemos socegados.

O *Povo de Aveiro* publicou no n.º 123 a seguinte local escripta por mim:

«Em Aveiro ha dois ou tres republicanos de casaca, que têm confessado publicamente os seus principios democraticos. Pois ultimamente nem um só d'esses casacas votou nos candidatos republicanos.
 Atraz de tempo, tempo vem, altos e poderosos senhores.»

Os leitores hão de ver que não ha noticia mais inoffensiva do que esta. Aqui não ha um insulto a uma unica pessoa, não ha offensa para ninguém. Mas ha uma ameaça. Qual ameaça? *Atraz de tempo, tempo vem, altos e poderosos senhores!* Eis a corda sensivel do sr. Joaquim de Mello. Atraz d'aquillo está um molho de cacetes prestes a cabir-lhe nos ossos, um carro de punhaes que o varam! O sr. Mello Freitas durante uma semana viu altas horas da noite phantasmas a dançar-lhe pelo quarto de dormir. Eram homens mascarados que o espreitavam de baixo da cama, eram vultos horrendos que se escondiam detraz da porta, eram figuras do inferno que se desenhamam no tecto, era o diabo

transformado em *luz em cruz* que se lhe pregava na cabeça com a tenacidade d'um mosquito esfomeado. O sr. Mello soffria torturas horrosas. De vez em quando acordava com uma paulada na cabeça ou com uma facada nas costas. O poetico lago de sangue é que não apparecia por mais que elle o procurasse!

Isto não é serio, sr. Mello, é ridiculo. Mas eu lhe explico a ameaça, que é simplicissima. Eu quiz diser que um dia virá, que será por certo o dia do triumpho, em que se ha de rever o rol do republicanismo de cada um; eu quiz diser que um dia virá, que pode muito bem sêr o dia de amanhã, em que os republicanos fieis d'esta terra passarão pelo desgosto de virar as costas áquelles que voltarem a fazer profissão de fé republicana. Emfim, eu com aquellas phrases censurava os que teem intermittencias democraticas e estava no direito de o fazer, como elles estão no direito de me não dar satisfação ou de me responder seriamente. No direito de me insultar, de insultar a redacção d'este jornal, de insultar os valentes operarios que erguem bem alto a bandeira republicana em Aveiro e que são a flor dos artistas d'esta terra, é que não estão. Nem eu o tolero, ninguém o tolera!

Agora pode dormir descansado sr. Freitas.

O meu illustre censor diz que na local a que me venho referindo ha uma allusão bem explicita a dois ou tres individuos. Um, diz elle, é o meu primo Carlos Faria, o outro sou eu, o terceiro não existe. Quem lh'o disse? Com que arrojo, com que leviandade de creança entra v. ex.ª na consciencia dos outros? Quando veio o sr. a esta redacção perguntar a quem se referia a local? Onde indagou o nome d'esses individuos? E' pasmoso, e se não conhecessemos o sr. Mello Freitas diriamos que estava doido quando escreveu aquelle artigo.

Eu lhe digo o sr. não era um dos tres. Dou-lhe a minha palavra de honra que não era. E como diabo podia sêr o sr. se o sr. é o primeiro a diser que não pode votar porque esteve servindo de administrador de concelho na assembleia da Oliveirinha, onde não estava recenseado? Cada vez mais pasmo e incrível.

O que teria o sr. Mello Freitas na cabeça quando escreveu o artigo? Damos alviçaras a quem o tornar publico.

Nós dissémos:—em Aveiro ha dois ou tres republicanos de casaca que não votaram nos candidatos republicanos; mas o sr. Mello Freitas não pôde votar porque a lei lh'o prohibia, logo o sr. Mello Freitas é um dos casacas. Quem o approvou no exame de logica está reclamando meia duzia de palmatoadas! D'aqui por diante ficamos sabendo que vão cair na cabeça do sr. Mello Freitas todas as carapuças que atrarmos ao ar. O sr. Mello compra todas as carapuças que houver em Aveiro. Quem vende carapuças?

Porem, como lhe iamoz dizendo, o sr. não era um dos tres. Nem mesmo nós sabiamos quem seria o terceiro. Parecia-nos que devia existir, mas não davamos com elle. Por fim appareceu, porque quem é vivo sempre apparece. O terceiro é v. ex.ª. Não porque não tivesse votado, mas porque votaria na monarchia se podesse votar. Sim, depois das declarações estramboticas de v. ex.ª, o terceiro ficou conhecido até á evidencia. E' o sr. Mello Freitas, saiba-o toda a gente.

V. ex.ª acha exquisito o procedi-

mento do Povo de Aveiro em dirigir insinuações a um seu colaborador. O seu procedimento é que é esquisito, singular e estranho. O dever de v. exc.^a, se desconfiava da insinuação, era dirigir-se lealmente ao director do jornal em que colaborava a pedir-lhe explicações. Então e só então, é que v. exc.^a deveria proceder como entendesse. Mas em lugar de pedir essas explicações, preferiu ir levemente rabiscar contra nós no papel regenerador.

Quem foi que se collocou em pessimismo terreno, fomos nós ou foi v. exc.^a? Quem andou aqui nobre, digna e lealmente, fomos nós, que nos não dirigiamos a v. exc.^a, que sempre lhe demos todas as provas de deferencia e amizade, ou foi v. exc.^a que sem nos dizer nada foi atacar para o jornal da autoridade os seus amigos, os seus correligionarios, os seus companheiros de redacção? Metta a mão na consciencia e responda, que o publico já respondeu.

O sr. Freitas falla em casar de malta, em deslealdades originaes e anarchicas, em punhaladas (tem a monomania do punhal), em mascaradas, em cousas do arca da velha. Passámos tranquilos por cima d'isso. O sr. Freitas estava tão allucinado que não sabia o que dizia e todo o mundo reconhece que essas velharias nem nos roçam os vestidos. Depois repete pomposamente que põe o seu nome por baixo do que escreve para que se veja a responsabilidade que lhe toca. Neste ponto confessámos que temos muita vontade de rir! Achámos uma graça extraordinaria aos taes valentes que põem o seu nome por baixo de tudo!! Ora vamos, ses tivermos mais um bocadinho de paciencia desfiaremos este embrogio serenamente até ao fim.

Em primeiro lugar, o sr. Mello sabe e se não sabe fique-o sabendo, que na immensa maioria dos jornaes portuguezes, hespanhoes, inglezes, italianos, e por certo nos d'alguma outra nacionalidade, que não conhecemos, não são assignados os artigos. Entretanto, ninguem deixa n'esses jornaes de tomar a responsabilidade d'aquillo que escreve!

Em segundo lugar, nos jornaes ha sempre um responsavel immediato e patente que é o seu director. Se esse não declina a responsabilidade em alguém, vê-se elle obrigado a toma-la. Ao director é que se fazem todas as perguntas, é que se pede qualquer satisfação.

Em terceiro lugar, o Povo de Aveiro tem declarado dusias de vezes que não foge, nem nunca fugirá á responsabilidade do que escreve.

O sr. Mello Freitas até queria que assignassemos uma local de quatro linhas que vinha mettida no noticiario! Mas então, valha-o Deus, enchiamos o Povo de Aveiro só com assignaturas!

Bem sabemos que não ha valentes como os que vão escrever artigos para o Districto de Aveiro. Até uma vez o nosso director lá foi perguntar quem tomava a responsabilidade de certo artigo para lhe fazer cortar as orelhas e o sr. Sousa Maia respondeu que nem elle a tomava; nem dizia quem o escrevera por o autor lho ter prohibido!! Valentes como aquelles não ha, bem o sabemos, mas cada um dá o que pode. Senhores, compadeçam-se de nós!

Chegamos a uma parte do artigo do sr. Mello em que nos repugna tocar. O sr. Mello Freitas, ouçam os leitores, sustenta a these absurda e torpe de que o funcionario publico não serve a nação, serve o patrão que lhe arranjou papança. O funcionario publico não é cidadão, é escravo de qualquer capitão mór. O funcionario publico não é livre, vende a alma ao diabo como a vendeu o sr. Mello Freitas.

Não ha adjectivos capazes de exprimir o meu espanto! Tenha certeza de que nunca ouvirei defender esta proposição ao cabo de esquadra mais tolo, mais boçal, mais ridiculo que possa encontrar na minha vida. Entretanto ouvi-a defender a um bacharel em direito n'uma hora allucinada!

Estão expressas na lei eleitoral e no codigo penal castigos severos a quem quer que seja que influa sobre outro para o levar a votar por fulano ou sjerano. A lei, junto á urna, só reconhece cidadãos e nada mais. A lei applica o maximo dos castigos arbitrados aos funcionarios que exercem pres-

são sobre os seus subalternos. O ministro do reino costuma lembrar isso aos governadores civis em epochas eleitoraes e não cessa de recomendar a maxima independencia e liberdade. As ordens do exercito são precisas a tal respeito pelo que toca aos militares. Um chefe é castigado com rigor se mal se atreve a pedir o voto ao seu subordinado! Todavia ha um bacharel, um homem que se sentou por desgraça na Universidade, um primeiro official d'uma repartição importantissima, que ousa avançar, que não tem pejo em dizer que um funcionario publico não pode votar em quem quiser. Oh, liberdade onde estas tu? Oh dignidade, cobre o rosto!

Cebolario, cebolario, sr. Mello. Trate d'outra vida.

Sobre as tristissimas insinuações dirigidas ao sr. José Jacintho Nunes não fallarei. O sr. Mello Freitas deve-se envergonhar de ter quasi chamado covarde a um homem que não conhece e que está longe demais para lhe mostrar quem é. Adeante.

O sr. Mello diz que por nenhum principio de dignidade poderia aceitar uma lista, que tinha sido ventilada por sessenta carpinteiros, marnotos e sapateiros republicanos aveirenses. Eu entendo que esta phrase do sr. Mello envolve uma desconsideração completa para os operarios republicanos de Aveiro.

Se a não queria votar, poderia votar outra com nomes republicanos. Eu censuro os casacos por não terem votado em nenhum nome republicano. Votassem em qualquer e nós nada teriamos a dizer. Alem d'isso, os operarios republicanos de Aveiro não ventilaram cousa nenhuma, porque acceitaram a lista do directorio.

O sr. Mello jura que é democrata:

Primeiro, porque é filho d'um liberal. Logo eu não sou democrata, porque sou filho d'um miguelista.

Segundo, porque os seus tios sofreram em prol da liberdade. Logo eu não sou democrata, porque os meus não levaram senão pau que lhe defam os constitucionaes.

Terceiro, porque sua mãe é filha d'um artista. Logo eu não sou democrata, porque a minha é filha de um lavrador.

Quarto, por causa da convivencia dos jornaes e dos livros. Concorde.

Quinto, porque tira o chapéu a quem lho tira!!! E esta? Se o não tirasse era um grande maldreado.

Sexto, porque fez conferencias democraticas. E' verdade.

Septimo, porque casou com a filha d'um sapateiro. Pois eu ainda não encontrei nenhuma que me quisesse. Esta da filha do sapateiro tambem não é má! O sr. Mello não casou com a filha do sapateiro por ser uma menina gentil e honesta; casou com ella para mostrar que é um democrata! Então porque não casou com uma das filhas do Cordeiro? Assim é que casava com a filha d'um sapateiro e mais nada.

Este primo Joaquim (porque saiba se que a filha do sapateiro fel-o meu primo) chega a ser um rato. Quem o ouvir falar com tanta proa no tal casamento julga que o homem era um príncipe!

Sua magestade el-rei D. Fernando tambem casou com uma reles mulher de theatre. Querem ver que o primo Joaquim é capaz de sustentar que o sr. D. Fernando é mais republicano do que eu?

Oh, primo Joaquim, ha de concordar que são fraquissimos os argumentos em favor das suas eideas democraticas!

Deito para traz das costas as suas dissertações sobre sapateiros, lavradores, coimeias, blusas, chefes, canhalas, fome, frio, miseria, ignorancia, utopia, progresso, lei, obediencia, casacas, etc. Se fosse a responder a tudo, não me chegava este jornal. Depois, com franquesa, primo, (pelo lado do sapateiro), ha occasiões em que não sei o que quer dizer com as suas salsadas.

O sr. Mello Freitas espanta-se com a minha ameaça e pergunta indignado. Quem a faz?

E' um anonymo.

Quem escreveu aquillo?

E' um mysterio.

Quem a faz, sr. Mello?

Sou eu.

Quem escreveu aquillo, sr. Mello?

Fui eu.

Eu, que assigno apenas este artigo

com duas iniciaes porque nunca precisei de reclames ao meu nome, mas que v. ex.^a, mas que todo o mundo conhece perfeitamente. Não é verdade, sr. Mello? Eu, que me preso, eu, que me orgulho de nunca ter fugido deante de cousa nenhuma, de tomar a responsabilidade inteira de quanto faço e quanto escrevo, como o podem attestar todos quantos me conhecem, todos os meus companheiros e ex-companheiros de jornalismo. Fique n'isto, sr. Mello. Aqui não ha covardas. Para traz com as insidias, que nós queremos passar.

Vámos ao resto do artigo do sr. Mello. Diz elle:

«Quem os ouve assim fallar com o rei na barriga ha de persuadir-se que já teem o poder e as redeas do governo nas unhas. E todavia não é assim. Os redactores d'aquelle periodico são empregados, que roem magros ventimentos, alferes do exercito, e outras insignificancias como eu, que podem d'um momento para o outro ser transferidas de Melgaço para Santa Maria com a mesma facilidade com que se esmaga um mosquito.»

Ah! é a segunda vez que me dá verdadeira vontade de rir no decurso d'este artigo. Verdadeira vontade de rir, com a gargalhada superior do despreso, não para v. ex.^a que é no fim de contas um bello rapaz, mas para esses miseraveis, esses grandes covardes a quem v. ex.^a ouve por ali apregoar esse principio de perseguição. Um insignificancia como v. ex.^a? Qual historia! V. ex.^a não tarda em ser um immortal, um socio da Academia Real das Sciencias. Para que escreveu v. ex.^a as «Violetas» e as «Garatujas»? Mal de v. ex.^a se as «Garatujas» não servem ao menos para o levar ao gremio dos sabios,

De Melgaço para Santa Maria? Não. De Aveiro para as ilhas, de Lisboa para Cabo Verde, para Moçambique, para Angola, para Goa, para onde quiserem os perseguidores covardes com quem v. ex.^a priva. Lá verá os insignificantes erguendo altivos a cabeça, sem reparar para traz, sempre olhando para a frente, fitando com enthusiasmo até ao derradeiro momento a luz brilhante que os guia, o seu ideal, o seu amor, a sua loucura, a nossa queridissima Republica intemerata e digna.

Agora digo eu, ameaça-nos? Que importa? Foi essa canalha de caixoteiros de laranja, de estudantes infelizes no seu curso, de reles escritas de repartição, que lhe lembrou a fanfarroada autoritaria? E o sr. dr. Mello tão imprudente que dá curso ás babuleiras d'esses miseraveis roidos por um odio mesquinho e sujo!

Dê-lhe quatro pontapés, porque é essa canalha de que v. ex.^a teme os apupos e as vaias. E' essa a canalha que sem coragem para actos grandiosos se entretem a explorar os defeitos, as susceptibilidades, as desconfianças alheias para depois calumniar e se rir do recondito da sua covardia das luctas dos outros, que provocaram sem o valor preciso para entrar n'eilas de cabeça levantada e viseira erguida. Dê quatro pontapés n'esses biltres, sr. Mello, quando lhe forem assoprar aos ouvidos, que escusará de depreciar a sua intelligencia e de se incomodar por futilidades ridiculas.

Com a facilidade com que se esmaga um mosquito! V. ex.^a endoideceu. V. ex.^a não sabe o que é um homem. Se o soubera, se conhecera algumas d'essas insignificancias acalentadas pela miseria no berço, perseguidas pela fome na infancia, agouadas pela desgraça na adolescencia, disputando palmo a palmo o terreno que os homens lhe negavam, em luta com uma sociedade cruel, egoista, e torpe, mas sempre na brecha, sempre crenes na victoria, com um sorriso triste mas forte nos labios, não dizia essa grande tolice, não proferia essa ameaça indigna de si, indigna de um homem nobre, de um homem generoso.

Se soubera que enquanto v. ex.^a disia banalidades, algumas d'essas insignificancias tinham o poder organisador necessario para crear clubs onde quer que estivessem, fundar jornaes, preparar manifestações que atemorizavam as autoridades, manifestar por todos as formas a sua actividade republicana apesar da oppressão do poder, talvez se envergonhasse de fallar em mosquitos. Melgaço, Santa Ma-

ria! Para quê? As insignificancias não de lá faser o mesmo que teem feito n'outras partes. Melgaço, Santa Maria! Pois sim. Antes o pão negro altivo do exilio do que apertosos manjares nas ante-camaras dos nossos senhores. Cortezãos, isso é que nunca. As nossas cabeças andam bem erguidas, com o aprumo severo de soldado. Quereis-las? Cortae-as, se tiverdes força para isso mas olhae que levas cabeças republicanas.

Tenho dito, sr. Joaquim de Mello Freitas, e creia que nunca dei tempo nenhum por tão mal empregado como o que gastei em responder-lhe.

F. C.

MONARCHIA E CATHOLICISMO

Como temos vivido sempre alheio ás festanças monarchicas, deu-nos no gsto um pequeno periodo d'um artigo que encontramos n'um jornal monarchico-catholico. Eis o tal periodosinho:

«Proclamações pelo presidente etc. celebrou-se na igreja o «Te-Deum» legal e dissolheu-se a assembleia.»

Refere-se á ultima campanha eleitoral.

O espirito retrogrado das nossas instituições politicas, a insciencia, o cretinismo d'uns, a transigencia mercenaria e egoista d'outros, levam-os a praticar um acto tão ridiculo á luz da razão quanto blasphemio á face das proprias doutrinas catholicas, que, segundo elles, são a percussão das christãs (?).

A igreja abençoa com canticos e espiraes d'incenso as immoralidades mais abominaveis dos seus proselytos. E os seus padres então psalmos a Deus (oh! profanação!) pela bachanal dos actos eleitoraes: pelos fusilamentos da Madeira, Cêa, Ourém, etc. pelas bebedeiras com que elles compraram as consciencias, emfim por todos os episodios repellentes e indignissimos que se exhibiram em quasi todas as assembleas do paiz.

Nos filhos da igreja catholica invocando o nome de Deus para sancionar tanta corrupção, tantos crimes, é o cumulo da blasphemia para os catholicos ignorantes, o requinte do cynismo e da sordidez para os que tem illustração, mas que postergaram ha muito os sentimentos da dignidade. Aquelles cauzam-nos dó, porque vão ainda atrelados ao asceticismo de que lhes impregnaram o espirito, inoculando-lhe falsas e erroneas ideas. Estes ennojam-nos, porque cooperam conscienciente mente para contaminar de noções prejudiciaes aquelles cerebros acanhados.

Não cedemos a ninguem o direito de venerar mais do que nós um padre mas n' accepção sublime da palavra, que tenha e sinta a nitida comprehensão do seu sacerdocio; detestamos, porém, todos esses tonsurados que enxameiam a sociedade, deturpando os principios saos, falseando o seu mister, pospondo a moralidade á cubica, corrompendo para explorar, explorando para enriquecer com aquella avareza e sede de ouro que lhes metalisa as almas. E é este o caracteristico do padre em geral.

E' notorio e sabido como correram as luctas eleitoraes em quasi todo o paiz. Na Madeira assassinaram-se sete individuos, em Ourem 5 e não sabemos mais quantos foram mortos em outras assembleias; pois tudo isto foi glorificado nos templos com um solenne Te-Deum! As scenas vergonhosissimas da Gloria, de Esgueira, d'Agueda, etc., onde os electores independentes eram levados pelo braço e de rojo para exercer livremente o seu mandato, foram cantadas pelos catholicos nas igrejas, elevando ao ceu louvores pela legalidade do acto! E os padres lá estavam ante o altar, que devia ser inacessivel ao tripudio das suas orgias, thuribulando a memoria do Christo, para o pretenderem cumprir nas suas profanações!

E quem estes miseraveis que to memos a sério as suas doutrinas! Quando nos provarem que o catholicismo não é a mais flagrante aberração do christianismo, hão de justificar-se primeiro das horriveis hecatombes que a historia aponta iniciadas no Vaticano em nome de Deus e consumadas em diferentes pontos do universo quando a igreja de Roma man-

dava accender fogueiras, erigir edificios inquisitoriaes, e sustentava um exercito cosmopolita de birbantes e assassinos para queimar, torturar e matar até os seus proprios congeneres, de quem a curia romana deseja possuir os haveres, ou os seculares que lhe ensombavam o prestígio ephemero com as descobertas das sciencias positivas e não se dobravam ás suas leis despoticas.

Vós, oh padres, que enodoastes a tunica no prostibulo do vicio e nos festins da sensualidade e da intemperança, não trepidades manchar o altar para commemorardes crimes, sancionando-os em nome do catholicismo, cujas doutrinas dizeis emanarem de Christo, d'aquelle que pregava a paz e o amor, em quanto que vós diffundis a discordia e o odio.

Mentis. Contestae-nos se podeis. Sois blasphemos conscienciosos e portanto duplamente criminosos. Sois e nicos, malvados e corruptores.

Zé.

O CHOLERA

Ante o perigo eminente da invasão do cholera, que toma em França proporções assustadoras, as nossas autoridades têm sido d'uma indolencia censuravel.

As medidas preventivas que tomaram no primeiro impulso ficaram isoladas e a salubridade publica continua a ser pessima, e as prescripções da autoridade a serem desacatadas sem que ellas se importem muito com isso; os despejos excrementicios a fazerem-se á hora do meio dia como observámos ha dias na rua do Caes, a nova praça do peixe a exhalar um cheiro horrivel, mais intenso do que antes de ser transferida para o Rocio. As suas emanações pestíferas são levadas pelo vento tão longe que se sentem na rua das Barcas e até na Praça Municipal.

Consta-nos que existe ali um cabique com pescado em decomposição á venda, e que a autoridade sendo prevenida em telegramma da sua procedencia, não fez caso.

N'um dos armazães de pescaria da praça do peixe, existe chicharro completamente pódre, o qual a autoridade mandou já ha muito lançar fóra, mas é certo que continua a ser vendido ao publico.

Srs. governador civil e administrador do concelho, providencias mais energicas, sem contemplações com ninguem.

Hoje não temos mais espaço para nos alargarmos em considerações sobre o assumpto, que é por todos os motivos digno de attenção das autoridades.

Providencias, providencias e providencias.

CARTAS

Lisboa, 13 de Julho.

Realisou-se na 2.^a feira, 14 do corrente, o comicio republicano, para apresentação dos dois deputados eleitos pela capital.

Não obstante estar acostumado a presenciar a imponencia dos meetings promovidos pelo nosso partido, confesso que me maravilhou a d'este, não só pelo enorme concurso de povo que a elle concorreu (não menos de 10:000 pessoas), mas ainda pela declaração do illustre professor do curso superior de letras e um dos mais austeros e sabios membros do partido republicano, o dr. Theophilo Braga.

O illustre professor no seu discurso cheio de erudição e analyse, como são todos os que costuma proferir, referindo-se ao estado decadente em que Portugal se encontra, devido ao regime monarchico, disse: a monarchia assemelha-se a um edificio arruinado que é preciso esperar para não cair, mas os espeques furan-lo já as paredes forçosas é demolil-o para evitar alguma catastrophe; a monarchia especou-se com os partidos regenerador, progressista, constituinte e conservador, mas estes, não podendo já amparar a por estarem tambem em pessimo estado de decomposição, forçosos é demolil-a o mais depressa possivel, a fim do povo não ficar aniquilado com o seu desabamento, constrindo um novo edificio—a Republica. A lei

ção de Lisboa veio mostrar que o partido republicano já pôde entrar n'outra meio d'acção, e é esse o caminho que d'ora avante tem a seguir.

Quando um homem como Theophilo Braga, a quem não falta o estudo profundo da sociedade portugueza, nem a serenidade de animo para avaliar e resolver todas as questões sociais, nem o patriotismo que impede o lançar o paiz n'um caminho de perturbações salvo quando é o unico remedio possível, avançou semelhante proposição, todos os homens verdadeiramente democratas e amantes do seu paiz devem seguir o caminho por elle indicado e aprestarem-se para a lucta.

O partido republicano comprehendendo isto mesmo e nem um dos nossos soldados se desviará do verdadeiro caminho, contanto que os chefes se apresentem com a energia precisa para os conduzir á victoria.

No mesmo dia em que se realison o meeting, o sr. de Bragança foi visitar o quartel do regimento de infantaria 16, provou o rancho e deixou uma quantia qualquer para a sua melhoria. Este regimento foi um dos que esteve de prevenção. O bondoso monarcha de certo foi animar os soldados para, caso se desse algum conflicto, não recusassem fusilar o povo: porque se interessasse pelo bom ou mau passado dos soldados com certeza que não.

Vão fundar-se centros republicanos nas freguezias de Lisboa em que, ainda os não havia, e onde as ultimas eleições mostraram a sua instante necessidade, servindo sobretudo para evitar que os nossos correligionarios sejam excluidos do recenseamento e que sejam incluídos indevidamente centenas de individuos, unicos meios por que os monarchicos nos podem disputar as eleições. Os primeiros a fundar são nas freguezias do Sacramento e Santos e assembléa de S. Francisco de Paula.

Nas provincias vão tambem fundar-se alguns. Muito seria para desejar que se estabelecessem em todas as povoações onde tivessemos alguns elementos. Se nas ultimas eleições já estivessem constituídos, evitando que nos roubassem os votos e que fossem contactados para os do accordo milhares e milhares que não se sabe d'onde vieram, o nosso illustre correligionario Jacintho Nunes estaria eleito deputado e os accordados não se vangloriariam com o maior cynismo, como estão fazendo, de terem obtido 30.000!!!

O ataque aos progressistas pelas folhas republicanas tem sido tão bem sustentado e os seus tiros tão certos que este acha-se em debandada. Tendo a cada momento de detarpar os factos mais conhecidos e mentir com o mais revoltante descaramento, desacreditam-se dia a dia, a ponto de que os proprios correligionarios já não osam defendel-os. Bom será que se desmascarem por uma vez estes tarfulos que possuindo todos os defeitos dos regeneradores, avelam no rosto uma mascara de liberaes para illudirem o povo. Na capital estão demasiadamente conhecidos; é preciso porém que todo o paiz conheça estes aliados do jesuitismo de quem lhe provém a força nas provincias e que é o sufficiente para demonstrar o grau de liberalismo que estes farçantes possuem.

O cholera é o assumpto obrigado de todas as conversações. E' muito provavel que este terrivel flagello nos não visite, pelo menos este anno, no entanto bom será empregar todos os meios que possam afugental-o ou, quando elle teime em nos visitar, atenuar os seus terriveis effectos.

As visitas sanitarias tem sido bem feitas, e demonstram claramente que o povo da capital consome os generos alimenticios ou adulterados ou falsificados; não devia ser só em presença da ameaça de sermos invadidos pelo cholera que se deviam fazer estas visitas mas em todos os tempos, e, pelo menos, os falsificadores, castigados severamente, não só com prisão mas com multas que, pela sua elevada quantia, tígassero o desejo a estes sujeitos de enriquecerem á custa da vida e saude das populações — e isto em todas as terras do reino — e as camaras em vez de gastarem muitas vezes o dinheiro dos municipes em festas para adular a realza ou satisfazerem

à sua vaidade, deveriam tratar do saneamento dos municipios que lhes foram confiados. Mas só uma mudança radical acabará com todos estes males. Por hoje basta.

Mario.

NOTICIARIO

Por absoluta falta de espaço fomos obrigados a retirar alguns artigos, entre elles um do nosso amigo Albano Coutinho. Pedimos desculpa.

O nosso querido amigo Manuel Marques de Almeida escreve-nos de Lisboa:

Como filho d'essa pequena mas grandiosa cidade de Aveiro a que me orgulho de pertencer, e como democrata sincero, felicito d'aqui o grupo de cidadãos aveirenses, pela maneira brilhante como se portaram nas passadas eleições e adhiro sinceramente á iniciativa tomada sobre a congregação de todos os verdadeiros republicanos, tanto d'ahi como dos arredores.

A união faz a força; unidos muito pedrosos seremos em quanto desunidos pouco valeremos.

Finaliso por dar um: Viva á patria. Vivam os democratas sinceros. A'vante pela Republica.

Lisboa 18 de julho de 1884.

Manuel Marques de Almeida Junior.

Vamos ter no proximo domingo no Passeio publico o primeiro dia de bazar em beneficio da caixa de soccorros da Companhia de Bombeiros Voluntarios d'esta cidade.

A commissão tem recebido um grande numero de prendas, algumas, de subido valor, e dinheiro na importancia aproximada a 90,5000 reis. D'esta vez teremos restaurant, que nos bazares precedentes não houve e cuja falta era bastante sensivel; e agouramos por isso um resultado que corresponda aos sacrificios e trabalhos a que a mesma commissão não se tem poupado.

A camara, a quem tantas vezes nos temos em vão dirigido para proporcionar agua potavel n'aquelle recinto aos visitantes, parece-nos que d'esta vez não se poderá eximir a estabelecer aquelle melhoramento de extrema necessidade.

Um dia d'estes passámos pelo largo da Fonte Nova e assistimos a um espectáculo bem pouco edificante. Uma mulher, que nos disseram chamar-se Anna Rota, descompunha umas visinhas em altas vozes com palavreado indecente.

Sr. administrador, em nome da moralidade publica, ponha cõbro áquellas scenas.

Dizem de Agueda que é cada vez mais desolador o estado dos campos. As terras semeadas mais tarde estão devastadas pela lagarta. E' uma perda completa de muitas sementeiras. Os campos de Assequins, de Recardães e Espinhei estão em parte muito estragados pela lagarta.

Não é felizmente geral o mau aspecto da agricultura. Na Extremadura e Alemtejo é tão abundante este anno o cereal de praganá, que ha propriedades que calculam render para mais de quarenta medidas por uma de semeadura.

Por deliberação da commissão central, a exposição industrial de Guimarães devia ser encerrada hontem, 26 do corrente.

O notavel orador hespanhol Emilio Castellar n'um lance do seu ultimo discurso pronunciado no parlamento, referiu-se com infelicidade a um ponto historico que nos diz respeito. A imprensa levantou celeuma protestando contra a allusão do eminente tribuno, que deve estar talvez arrependido da leviandade. O prestígio da sua palavra fascinou-o e caiu no erro de dizer que foram os jezuitas que auxiliaram a deamembração de Portugal de Hespanha.

O distincto escriptor L. A. Palmeirim não lhe soffreu o animo que uma

das primeiras illustrações da Europa, e sem duvida uma das glorias litterarias e tribunicias da moderna Hespanha, falseasse d'uma maneira tão pouco digna a historia e o brio portuguez; e n'uma carta que dirigiu a Castellar repelle com hombridade e em estylo elevado aquellas phrases. Eis uma das passagens da sua carta:

«Teem os oradores eminentes, como v. ex.ª é, momentos, embora curtos, em que, cansados de pairar nas alturas, baixam o vôo, e, fiados na auctoridade de sua palavra, avangam como aforismos, asserções que o critério geral accolta como euphonicos, mas repelle como sendo a negação da verdade historica. Neste caso está a phrase que v. ex.ª, homem a quem Deus dotou de altissimas faculdades intellectuaes, pôz em circulação por um d'esses lapsos oratorios pouco vulgares em que tão artisticamente sabe cinzelar a palavra, e ageital-a á justiça, que deve ser a unica mira dos homens publicos da sua estatura.»

Junto com a carta enviou-lhe tambem um livro que publicou em 1877, no qual responde a algumas apreciações injustas que o sr. Fernandez de los Rios fez tambem a respeito do nosso paiz, e que vem agora a propositio.

Diz um correspondente em Lisboa para um jornal do Porto que os trabalhos para a reforma do exercito proseguem, mas depois tem de ser examinados pelo snr. Fontes, e não estarão terminados antes do fim do mez.

O heroe cabo Simão lá disputou á morte mais quatro infelizes, conseguindo salvá-los de morrerem afogados. E' um benemerito da humanidade.

Mais outro para a Academia das Sciencias.

E' o sr. Lopo Vaz de Sampaio e Mello que na ultima sessão da academia foi eleito socio correspondente.

A academia está-se transformando n'um museu de... abortos.

Partem por estes dias para Bruxelas afim de visitar as penitenciaras os snrs. Azevedo Castello Branco e Agostinho Lucio.

Pertencem á familia do Caro com toda a certeza. Vamos em quanto ha tempo. Depois...quem não comeu, comesse.

Tudo vae no melhor dos mundos. Pobre Zé, que te esfollam.

Chamamos attenção dos nossos leitores para o annuncio que vae na secção competente da Loja do Povo

A «Aurora do Lima», de segunda feira, insere um communicado em que o autor narra um acto maldoso e irreverente com que o rev. fr. José de S. Thomé intimou d'as mulheres a retirarem-se da mesa da communhão na occasião em que aquelle rev. sacerdote ministrava este sacramento na igreja da Misericordia ás irmãs hospiteiras, em serviço no hospital.

Parece que vamos ter em breve mais uma santa para a folhinha.

Trata-se de canonisar em Roma uma filha de Victor Manuel I, thia da sr.ª D. Maria Pia de Saboya.

E' uma honra para nós, que temos a fortuna de possuir a sobrinha d'aquella futura santa.

Um agente da Associação Internacional Belga, o sr. Delecommune, encontrando uma sua filha muçeta de 9 annos de idade, a brincar com um pretinho que não tinha mais de 12, suspeitou da innocencia d'essas brincadeiras, e pediu o castigo do pobre preto. O rei mandou-o matar, enviando a cabeça ao sr. Delecommune que a conserva n'um barril de aguardente!

Conta Alberto Delpit um acto de bravura praticado em 1832 durante a invasão do cholera em Paris.

N'um hospital reinava tamanho pânico, que os enfermeiros fallavam em desertar do seu posto heroico, deixando os medicos sem ninguem que os ajudasse a realisar a sua missão sublime.

Foi então que um alumno de me-

dicina praticou um feito mais admiravel de que todos os lances heroicos dos campos de batalha. Havia no hospital um choleroico que se considerava perdido.

O alumno despiu-se de todo, meteu-se na cama do doente, bem chegado a elle, e passou ali todas as noites. De manhã, quando os enfermeiros chegaram, o choleroico já tinha morrido.

O alumno de medicina lamentou-o então e disse com a maior tranquillidade:

— Bem vêem que não estou doente!

N'essa mesma noite o grande medico Dupstren levou-lhe a Legião de Honra!

A noticia infundada que o consul de Hespanha, no Porto, mandou para Madrid, com referencia ao caso do cholera, apesar de ter sido por elle desmentida nos periodicos de Madrid, causou tão má impressão que muitas familias que já tinham alugado casas e tomado quartos no hotel, na Granja, teem mandado dizer que não vem.

Se esta má noticia do consul fosse alguns dias antes, ficava esta praia sem uma unica familia hespanhola este anno. Consta que em Espinho e na Figueira, as casas estão apparecendo com escriptos, novamente por igual motivo.

Contra a debilidade

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne, e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

Veio ao nosso escriptorio o infeliz Manuel Rebello implorar-nos que abrissemos no Povo de Aveiro uma subscrição para minorar as agruras de uma doença com que lucta ha tanto tempo.

Lembramos aos bons corações aquelle filho d'Aveiro, cujo estado de saude e circumstancias pecuniarias são as mais criticas, podendo enviar qualquer obulo para a redacção d'este jornal.

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Transporte (3\$100), José Maria Barboza, de Pardelhas (300), Manuel M. d'Almeida Junior (300), and Somma (3\$700).

Diz uma carta do Zaire, de 18 do mez passado, que os representantes de todos os reis do Noqui reconheceram a soberania de rei de Portugal perante Brito Capello, commandante da corveta «Rainha de Portugal» lavrando-se acta assignada pelos embaixadores e representantes de casas commerciaes hollandeza, franceza e portugueza.

Diversos negociantes e representantes do governo francez protestaram contra a posse que a associação internacional Africana queria dos territorios de Loango a Mayumbo e de 180 milhas para o interior.

Consta-nos que vão organizar-se centros republicanos, em Abrantes, Alemquer, freguezia do Sacramento, em Lisboa, e Cartaxo. Estão empenhados n'isso os mais dedicados e intelligentes correligionarios nossos n'aquellas localidades.

O movimento republicano aiastra-se em Portugal d'uma maneira prodigiosa e promettedora. A orga d'esta caranguejota monarchica está prestes a soltar o ultimo arranco.

A gangrena abreviou-lhe a existencia.

Um individuo de Arranhó encarregou um filho, de oito ou nove annos de idade, de levar a pastar um macho. O rapaz, quando chegou ao campo, atou a arreata ao proprio corpo; e o macho, espantando-se, arrastou a pobre creança, que teve a mais horrivel das mortes.

Refere o Correo da India: «Consta-nos que o professor de ensino primario de Ribandar dá maus tratos aos seus discipulos, pois a um d'elles mandou despir as calças, leio deitar sobre um banco e bater-lhe com

rotim; a um outro obrigou que ajoelhasse sobre uma pedra escabrosa.

Ora um ministro de Deus a prepetar taes monstruosidades!

Ignorará acaso o sr. padre Rebello que o regulamento escolar prohibe formalmente taes castigos? Não sabe, como mestre que é, que para se poder ensinar é necessario primeiro de tudo grangear a estima dos seus discipulos?»

E é um padre o preceptor da infancia. Eis um bello specimen da classes.

Livro das Taxas e o titulo d'um volume, uma especie de codigo penal do Vaticano, em que os crimes mais hediondos eram punidos com... multas pecuniarias mais ou menos elevadas segundo a gravidade do delicto.

N'uma edição franceza publicada em Lyon em 1564, entre outras disposições, encontram-se as seguintes no celebre Livro das Taxas, approved e auctorizado por Leão X:

Do Parricidio

1.º—Pelo assassinato de pae, mãe, irmão ou irmã, a absolvição custará 4\$860.

2.º—Quem matar sua propria mulher não pagará mais que o parricida.

3.º—Aquelle que matou sua mulher e deseja casar com outra pagará pela absolvição 7\$500 reis.

4.º—As pessoas que auxiliarem o marido no assassinato de sua mulher pagarão por cabeça 720 reis.

5.º—A absolvição do marido que bater em sua mulher a ponto de lhe causar um aborto está taxada em reis 2\$400.

Do Infanticidio

1.º—O pai ou mãe que matar seu filho, absolve-se do assassinato pagando reis 4\$860.

2.º—Se o marido e a mulher matarem de combinação um filho pagarão 5\$220 reis.

3.º—A mulher que fizer uso de qualquer bebida abortiva e o pae que preparar essa bebida pagarão reis. 4\$860.

Dos Pecados Carnaes

1.º—Se um clerigo praticar um acto deshonesto, quer seja com freiras no convento, ou fora d'elle, quer seja com suas primas, netas, afilhadas ou ainda outras mulheres; para ser absolvido com a certeza de não soffrer nenhuma outra perseguição, pagará reis. 42:826.

2.º—Se alem d'estes peccados naturaes praticar um peccado qualquer contra a natureza, ou qualquer obscenidade com animaes, a absolvição custará 43\$020 reis.

7.º—Para qualquer peccado de luxuria ou acto libidinoso praticado por um leigo, a absolvição custará reis. 5\$660.

8.º—Se esse leigo tiver praticado incestos deve augmentar por consciencia, reis 1\$620 ao preço da absolvição.

10—A mulher adultera que desear por meio da absolvição escudar-se contra qualquer procedimento criminal, pagará 44\$020».

«Mainteã, geral dos Carmelitas ahi pelo começo do seculó XVI, já dizia» que em Roma se vendia tudo: sacerdocio e templo, altar e sacrificios, incenso e orações, ceus e Deus!»

O snr. visconde de Negrellos presta-se a vigiar e a tratar os choleroicos se acaso esta epidemia apparecer em Braga. Como conhecedor dos melhores processos de tratamento, pois que esteve em Roma quando o cholera grassára ali, quer aproveitá-los, embora a sua vida corra risco.

E' louvavel. Os tribunaes de Roma condemnaram á morte o assassino de monsenhor Cesare, o abbade do Monte VerGINE.

Quem sabe se ainda virá figurar na corte posthuma das santidades de Roma ao lado d'um S. Domingos de Gusmão!

O governo hespanhol sujeitou a quarentena todas as procedencias da Inglaterra; e o governo d'este paiz mandou expulsar de Gibraltar todos os operarios hespanhoes, em numero superior a quatro mil.

Em consequencia d'isto, te m-se trocado notas diplomaticas entre os dois gabinetes:

AGULHAS
DE PRIMEIRA QUALIDADE
PARA MACHINAS DE COSTURA
A duzia 130 reis.
COMPANHIA FABRIL SINGER
75, Rua de José Estevão 79
AVEIRO

VENDE-SE a quinta que foi de Antonio Gonçalves, em frente da capella da Quinta do Gato, que tem 13 alqueires de sementeira.

Quem a pretender falle com Luiz Pereira da Cruz, d'esta cidade, para o fim indicado.

LOJA DO POVO
Nos baixos do hospital
AVEIRO
CAFÉ PURO
(Remedio contra o cholera)

ESTA casa torna-se recommendavel pela unica qualidade «Café moído», diversas qualidades em grão e grande sortido em chá por preços convidativos.

ATENÇÃO

JOAQUIM d'Amaral Fartura & Graça, acabam de receber um grande sortido de balões venezianos, assim como uma grande colleção de bandeiras, as quaes alugam por preços commodos.

Os mesmos annunciantes se encarregam da collocação de iluminação nos arraiaes, assim como adornamentos de tuas.

Rua de José Estevam, 24 e em Esgueira.

HERPES E IMPIGENS

CURAM-SE em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do Dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; em Ihavo, João C. Gomes. Deposito geral, pharmacia Maa—Oliveira do Bairro

NOVIDADE

GRANDE ARMAZEM DE MOVEIS
26—Rua do Quebra Costas—42
COIMBRA

JOAQUIM DE CARVALHO PORTO acaba de receber um magnifico e variado sortimento de moveis, tanto de madeira como de ferro, que vende por preços commodos.

Tambem se encarrega de toda a qualidade de trabalhos concernentes á arte de marceneiro e estofador. Os trabalhos são executados com a maior perfeição e os preços são baratissimos.

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao annunciante.

XAROPE Phellandrio composto de Roza.

POMADA anti-herpetica do Dr. Queiroz.

Deposito em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

BANDEIRAS

Ha-as de lindos gostos em casa de José Vieira Guimarães, que as aluga por preços módicos.

!! ALTO AQUI !!

O proprietario do HOTEL CYSNE DO VOUGA, fornece apreciavel VINHO DA MADEIRA por preço convidativo.

Esta especialidade de VINHO, só se vende no HOTEL CYSNE DO VOUGA Praça da Fructa

Photographia

JOSÉ BERNARDES DA CRUZ
82, RUA DIREITA, 82
Retratos — PETIT-PROME NADE—a 600 reis a duzia.

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM



FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

PORQUE COSEIS À MÃO?



VINDE A'

COMPANHIA FABRIL SINGER

RUA DE JOSÉ ESTEVÃO —79— 75 (PEGADO A' CAIXA ECONOMICA)

AVEIRO

Onde por 500 reis semanaes

SEM PRESTAÇÃO D'ENTRADA

e sem augmento algum nos preços, podeis adquirir qualquer das legitimas e tão apreciadas

MACHINAS DE CUSTURA DA

COMPANHIA FABRIL

SINGER

DE NOVA-YORK

As que não teem rival em todo o mundo e as que são procuradas por toda a parte como as mais solidas e proprias para o trabalho.

GARANTIA POSITIVA—ENSINO E CONCERTOS GRATIS

Cuidado com as imitações

Peçam catalogos com os preços e desenhos das machinas que se enviarão gratis.

SUCCESSAES EM TODAS AS POVOAÇÕES MAIS IMPORTANTES DO MUNDO

VIAGENS

INVOLUNTARIAS E EXTRAORDINARIAS

POR

LUCIANO BIART

ESTÁ no prelo e começa a distribuir-se o primeiro volume —O Engenheiro Pinson— d'esta notavel obra do applaudido escriptor francez Luciano Biart, que esta empreza mandou traduzir e vai publicar.

A obra constará de quatro bellos volumes com mais de 100 magnificas gravuras, e sairá em cadernetas semanaes em excelente papel a 50 réis.

A assignatura na provincia será paga adiantadamente, na razão de 50 réis cada fasciculo semanal (franco de porte). A empreza, quando lhe for remetida qualquer importancia superior a 500 réis, enviará na volta do correio aviso de recepção, para d'este modo o remetente ficar sabendo que não houve extravio.

Aquelles senhores que nas localidades de provincia ou mesmo no Porto se encarregarem da distribuição de cadernetas e assignaturas, a empreza dá a commissão de 20 por cento da importancia respectiva; e sendo as suas assignaturas em numero superior a 10, dá 20 por cento e um exemplar gratis da obra.

No fim da obra a empreza distribuirá a todos os assignantes um brinde. Assigna-se no escriptorio da empreza, rua do Sol, 86, Porto, e em todas as livrarias. Em Lisboa, no escriptorio dos srs. José Cordeiro & C., rua dos Retozeiros, 133, 1.º andar e nas principaes livrarias.

EMPRESA EDITORA



LISBOA—RUA DA CRUZ DE PAU, 26— LISBOA

ALBUM DE ANEDOCTAS

Revistas, traduzidas e colleccionadas por J. de Magalhães

SENDO certo que este livro se presta pela sua indole á collaboração de muitas pessoas, a empreza, no intuito de o tornar mais agradável e interessante roga a todos os leitores a fineza de lhe enviar para o seu escriptorio uma ou mais anedoctas inéditas de que por ventura tenham conhecimento, as quaes, depois de conveniente harmonizadas na sua redacção com as outras já escolhidas, serão inseridas no «Album», e enumeradas de maneira a poderem concorrer ao premio que a empreza offerece segundo as condições abaixo descriptas.

O «Album de anedoctas» será nitidamente impresso em excelente papel e illustrado com graciosas gravuras, por J. R. Christino.

CONDICÕES DE ASSIGNATURA:— Sahirá em cadernetas semanaes de 5 folhas a 8 paginas cada folha, custando cada caderneta 50 réis. Haverá um premio de 10.000 réis em dinheiro, ou vinte volumes á escolha, das obras publicadas pela empreza, á pessoa que enviar a anedocta que maior numero de votos obtiver; e para esse fim cada album será acompanhado de uma circular.

Assigna-se em Lisboa no escriptorio da empreza, rua da Cruz de Pau, 26 e nas principaes livrarias. No Porto, nas principaes livrarias.

MUITA ATENÇÃO!!

Estabelecimento de mercearia, confeitaria, salchicharia e conservaria

premiado nas exposições de Philadelphia, Paris e Rio de Janeiro com med alas de prata e menções honrosas

35 A 39, PRAÇA DO COMMERCIO, 35 A 39

— AVEIRO —

JOSÉ DOS SANTOS GAMELLAS & FILHO chamam a attenção dos seus freguezes e do publico em geral, para o extraordinario sortimento de diferentes artigos, que acabam de receber directamente das principaes casas de Londres, Allemanha, Suissa, Paris, Bordens e Lisboa, e que vendem a preços sem competidor, em virtude das suas relações com as primeiras casas d'aqueles paizes.

QUEIJOS, Roquefort, Londrino, Gruyer, Prato, Papel e Flamengo. Conservas Inglesas, Francezas e Nacionaes, em frascos. Leite condensado, dos Alpes. Manteiga Inglesa e Normanda em latas e barris. Passas de Malaga. Gelatina branca e vermelha. Biscoitos Ingleses Francezes e Nacionaes. Pastilhas de hortelã pimenta. Farinhas de Maizena Seruy, Tapioca, Cevadinha, Ervilha, Fava, Batata, Sagú e Perles du Nizam. Alcaparras em frascos. Mostarda em pó e preparada. Julienne em pacotes. Champignons e Trutas em latas. Lagosta Inglesa e Salmão em latas. Presuntos Ingleses, Allemães, de Lamego e Melgaço. Figos Ingleses em caixinhas. Doce de Goyaba do Brazil, em latas. Cocos muito frescos. Fructas de todas as qualidades em compota, secas e cristalizadas. Marmelada Franceza em latas e em quartos.—Carne assada. Carneiro com Ervilhas, com feijão, guizado. Mão de Vacca. Costeletas de Vitella. Lingua de Fricassé. Massa de tomate. Ervilhas. Couve flor. Brocolos. Repolho e Grellos, tudo em latas.—Salame de Italia e Lion. Doce de Gilla em latas, de Laranja em lindos boîtes de porcelana. Doce de especie muito fino, das melhores confeitarias de Paris. Sardinhas de Nantes. Fructas do Brazil em latas. Ditas em caixinhas de phantasia. Rebuçados Francezes. Pastilhas de Gelatina e Gomma Arabica. Chocolates Francezes e Hespanhoes. Chá, Café e Arrozes de todas as qualidades. Azeitona d'Elvas e de Sevilha. Geleia em copos. Queijadas de Cintra, da Sapa, Pasteis do Cócó, Broas do Natal. Morcellas d'Arouca. Unto de pingue Italiano. Manteiga de Cintra, e d'Arouca. Uma variedade extraordinaria de Licores, Cognacs, e bebidas de todas as qualidades. Vinhos de Champagne, Bordens, Jerez, Madeira, Porto. Buecellas, Colhares, Caracvellos e Alemejo. Assucareos Allemães, Ingleses e da Ilha da Madeira, cristalizados, finos e areados. Laranjinha do Paraty. Pudins economicos em dois minutos, de 1/2 kilo, a 50 réis!!! Pimentinhas em frascos. Queijo da Serra de Estrella e de Niza. Chourico e Paio de Lamego e Castello de Vide. Mexilhão e Ovos molles em latas.

Papeis de todas as qualidades e objectos para escriptorio Surpresas e brinquedos para creanças. E muitissimos outros artigos, que seria impossivel enumerar.

N. B.— Enfeitam-se taboleiros pelos systemas das confeitarias de Paris e Lisboa.

José dos Santos Gamellas & Filho

Empreza

INDUSTRIAL PORTUGUEZA

CONSTRUÇÕES NAVAES COMPLETAS

Fundicção de cannos, columnas e vigas por preços limitadissimos

CONSTRUÇÃO DE COFRES

PROVA DE FOGO

Construção de Caldeiras

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construccões metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaisquer obras de ferro ou madeira, para construccões civis, mechanicas ou maritimas.

Accetta portanto encomendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como telhados, vigamentos, culpas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios e rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construccão de cofres a prova de fogo, etc.

Para a fundição de columnas, cannos e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em deposito grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encomendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 20, ao alferes, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos e em geral o necessario para as construccões civis, e onde se tomam quaisquer encomendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro.—LISBOA.

Contra a debilidade

Farinha Peitoral Ferruginoza da Pharmacia Franco, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tónico reconstituente, e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos de peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anomicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, amrea que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, Pharmacia e Drogaria Medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE



Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvedo pela junta consultiva de saude publica.

É o melhor tónico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortalecente e reconstituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enrique-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças. Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispesia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou injeção dos orgãos, rachtismo, consumption de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas as doencas, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom Bifiteck.

Esta dose com quaesquer bolachinhas e um excellento lunch para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, o concludido elle, tome-se igual porção ao toast, para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafeição, os envolveros das garrafas devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco, em Belem.

DEPOSITO em Aveiro, Pharmacia e Drogaria Medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a tosse

Xarope Peitoral de James, unico legalmente autorisa do pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvedo nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia—Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 9 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, Pharmacia e Drogaria Medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Typ. do POVO DE AVEIRO AVEIRO